

São Paulo e o Patrio

Calvo Maria de Mello Pupo

II colégio e a capela de São Paulo, foram a semente germinadora da cap- tal do Estado e início de crescimento de toda a capitania; ~~estabelecida~~ em 1556 a inauguração do primeiro edifício definitivo da sua igreja, já com a amplitude da cati- guese, do porzamento, da assistência religiosa, da que os jesuítas implantaram nestas pla- gas predeterminadas de Piritininga. ~~Estabelecida a igreja dos jesuítas em 1556, em São Paulo, criada a paróquia de São Paulo, nasceu a vila seu primeiro órgão em 1591, tornando a igreja dos jesuítas até 1616 de matug. São Paulo para o arago dos mactames, neste ano passou a por tra- go da matug, por decisão do prelado de Ri- de Janeiro, a cuja prelazia estava pertenci- mada a mesa capitania, transferência de inteira concordância do ~~primário~~ jesuítas. De novo colégio e mesa igreja, cui- daram os jesuítas para o patio, completan- do-os em 1653, com igreja sem terra que se a construiu trinta anos depois. E Jannay relata que em 1745, "este eram os altars da igreja do Colégio: o de Santo Inácio na Capela Mor, os da Boa Morti, Nossa Senhora da Graça, Nossa Senhora do Aleotene, Santa Alimula e Santa Virgem, Nossa Senhora da Conceição e Bom Jesus" Em seus altars~~

519.5
245.
274.5
476.5
2478.5
1-476.5

não estava mais a imagem de São Paulo.

Pelo século dezenove, segundo Egídio, em 14 de janeiro de 1861, "havia sido feito um inventário de todas as imagens, alfaías e outros objetos pertencentes à mesma igreja, constando, desse inventário, que o altar mor continha a imagem do Senhor Bom Jesus, Santo Inácio de Loiola, S. Francisco Xavier e N. S. do Monte Serrate, e nos altares laterais: 1º - N. S. das Dores e Senhor Crucificado; 2º - Santa Ursula, S. Miguel e N. S. do Rosário; 3º - Sant'Ana, S. Joaquim e N. S. dos Anjos; 4º - S. Jorge; 5º - Jesus, Maria, José e Santa Bárbara; 6º - N. S. das Candeias e no altar da Sacristia, S. Luís Gonzaga, Santa Bárbara e N. S. do Parto", havendo sido, alguns anos depois, e por concessão do governo, colocada a imagem de Santa Rita de Cássia, que está atualmente na Igreja dos Remédios, no segundo altar da referida Igreja do Colégio".

São Paulo na igreja matriz, depois de Catedral, novamente cedeu seu altar mor, agora a Nossa Senhora. Mas esta igreja também passou pelas suas renovações: ^{em}demolido a primeira para em seu lugar surgir nova, maior, condizente com a importância da vila, logo depois cidade, pois cabeça de bispado exigia esta maior graduação. O primeiro bispo, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, fez a sua entrada solene em 8 de dezembro de 1746, vindo com grande co-

mitiva que o foi receber no bairro dos Meninos, dirigindo-se a igreja de São Pedro "servindo de Sé", e o Colégio o acolheu dando-lhe residência, "antes de ir para seu modestíssimo Pazo. E na Igreja dos Jesuitas quis ter o seu túmulo".

Quanto à Sé, "parece que em fins de 1756 estava a nova Catedral coberta, e com frontispício acabado, mas de paredes nuas", "sem capela mor nem altares e destituída de tudo que se compõe uma igreja", "anotava a Câmara lamentosamente".

O Bispo, Dom Antônio da Madre de Deus Galvão, representou ao Rei sobre a construção da Catedral, dando um histórico valioso do qual são pontos de interesse:

"foi Vossa Magestade servido deferir-me a esta justa representação mandando-me dar para a dita obra trinta mil cruzados pagos pela Fazenda Real da Praça de Santos em seis anos, e encarregar-me a administração da dita obra por decreto de 3 de Fevereiro de 1756." "Continuei com efeito a obra até concluir a dita capela mor na última perfeição, de sorte que já se celebram nela os Offícios Divinos com a decência devida; porém, ao mesmo tempo me vi precisando dar princípio à Torre, por se acharem os sinos pendurados em uns paus sem se poderem dobrar".

Mas, dominando em Portugal el rei Dom José, teve ele por ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, depois Conde de Uleiras e Marquês de Pombal, cuja "crueldade de que se revestiu estava no caráter do Marquês, por igual violento com a nobreza (suplícios dos Távoras) e com o povo (execuções no Porto)", com os seus áulicos e continuadores como foi em São Paulo o Morgado de Mateus, bárbaro opressor dos paulistas por dez anos.

As duas alas do Colégio dos Jesuítas, passaram ao domínio da Coroa em 1759, com a expulsão da Companhia de Jesus, e o capitão general governador nomeado para restabelecer a capitania de São Paulo, o mesmo Morgado de Mateus, ao chegar, escolheu o prédio do Colégio para palácio do governo. O Morgado governou São Paulo de 1765 a 1775, na administração e como mandatário imediato e seguidor do poderoso ditador o Conde de Uleiras, trazendo para São Paulo o estilo da administração forte, realizadora, mas isenta de qualquer sentido humanista que faz a felicidade do povo. O Morgado, da política de Pombal, não poderia praticar outro governo que não fosse de martírio e sacrifícios para os paulistas seus governados, na atrocidade de Iguatemi, na iníqua pressão para o voluntariado militar, no arbítrio de supliciar mães

para forçar a apresentação de filhos desertores, e tantas mais ações desumanas com que infelicitou a gente de São Paulo, males que esquecem os que só estudam evolução material.

E ainda ao ^{deixar} ~~notar~~ ~~de~~ São Paulo, soube o Morgado delinquir retirando para si e levando para a Europa, peças de prata da Igreja paulista e oriundas dos bens dos Jesuitas, como consta do protesto do Bispo Diocesano, Dom Manuel da Ressurreição, que, em ofício, denunciou o desvio destas riquezas, ofício que se acha no arquivo da Torre do Tombo e citado como texto de certidão na Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Esta prataria se conservava em depósito nas dependências do Palácio, o velho Colégio dos Jesuitas. Como o Morgado terminou seu governo em 1775, e partiu logo para a Europa levando em sua bagagem as pratas dos Jesuitas e como o Marquês de Pombal se conservou no governo até 1777, é de se admitir que nenhuma medida tenha sido tomada contra o irregular desvio da prataria, do palácio para tesouros de um particular.

Um fato posterior marcante na história, deixou em relevo uma das imagens de São Paulo, às quais nos vamos referir, e foi na visita de nossos Imperadores à nossa província, em 1846. Desde 1843, estava "em grandes consertos a Igreja da Sé Catedral" e

passaram os atos religiosos que nela se realizavam, a ser feitos na Igreja do Senhor Bom Jesus do Colégio."

Visitaram Suas Magestades Imperiais, pela primeira vez, a província de São Paulo. A 25 de fevereiro de 1846, pelas seis horas da manhã, partiram de Santos em demanda da capital da província. A viagem de Santos a Cubatão que até 1827 se fazia por água, já dispunha de caminho iniciado no governo de Lucas Antônio Monteiro de Barros, barão e visconde de Congonhas do Campo.

O projeto se deveu ao engenheiro Daniel Pedro Muler, depois marechal, mas a direção executiva, heróica e tenaz, coube ao campineense Antônio Mamuel Teixeira que se dispôs à execução do projeto, após fracassos de outros, levando sua própria escravaria que o servia em sua grande e rica fazenda "Caroeira", e em outras que possuía, nas proximidades de Campinas. O trabalho foi árduo mas de realização completa, e entregue ao uso público a 7 de fevereiro de 1827.

Ainda assim, a comitiva imperial deixou Santos no dia 25, partindo a cavalo, pois o estado do caminho não permitia o uso de carruagem. Na paragem do Cubatão, almoçaram ^{sendo} ~~o~~, subindo a serra para pernoitar no Pouso Alto onde se havia levantado um arco decorativo para recebê-la.

Continuaram Suas Magestades e

numerosa comitiva, comodamente, em ~~carruagens~~ carruagens; "quando passaram pelo arco colocado ao pé do hospital da Santa Casa", na entrada de nossa capital, "foram saudados com 21 tiros por um parque de artilharia. Chegados ao arco, indicado como porta da cidade, apearam-se da carruagem. Neste arco ricamente adornado havia sido armado um altar com a imagem de São Paulo".

O hospital da Santa Casa passou a funcionar "no novo edifício mandado construir pela mesma virandade na Rua da Glória, esquina da Rua dos Estudantes, e inaugurou-se a 2 de Julho de 1832, na proedoria do marechal de campo, dr. José Mouché de Toledo Rendon, primeiro diretor da Faculdade de Direito de São Paulo". E nas despesas com os festejos, está a que ~~co~~ coube ao arco da recepção: "Idem ao tenente José Jaques da Costa Luriques, despesa feita com o arco junto ao hospital da Misericórdia... 4:835\$256", o mais custoso dos arcos feitos na ocasião.

Neste altar, no arco ao pé da Santa Casa, foi colocada a imagem de São Paulo. Na ocasião estava a Sé em reformas e a Igreja do Colégio serviu de Sé provisória de 1843 a 1850, enquanto se procedia a reparos na Catedral. Os reparos que ~~exigiram~~ exigiram sete anos para seu término, foram obrigados a retirada dos

altars da Sé, de suas imagens levadas para o Convento das Carmelitas, na rua do Carmo esquina da então rua de Santa Tereza, hoje absorvida pela Praça Clóvis.

Diante do altar de São Paulo, no arco armado à frente da Santa Casa na rua da Glória, entrada da cidade, Suas Magestades foram recebidas pelo Bispo Diocesano, Cabido, Ordens Religiosas, Assembleia Provincial e mais autoridades, e ali fez o presidente da Câmara Municipal, o discurso de saudação entregando ao Imperador a chave da cidade.

Formou-se a seguir, um grande presépio em demanda da igreja do Colégio serrindo de Sé, e nela se celebrou o Te-deum de ação de graças, quando fez o sermão o Padre Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, doutor em leis, lente da Academia de Direito de São Paulo, da qual foi também diretor; foi ainda, deputado ~~provincial~~ provincial e geral, membro do Conselho Geral do Província, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cavaleiro da Ordem de Cristo e grande orador sacro.

Nossos Imperadores se hospedaram no Palácio do Governo da Província, que lhes deu agasalho logo após o Te-deum da Igreja do Colégio, o mesmo Palácio que havia abrigado Dom Pedro I a 7 de setembro de 1822. E ali ficaram até a partida

do Imperador Dom Pedro II, para Cotia, São Roque, Sorocaba, Porto Feliz, Itu, Indaiatuba, Campinas e Jundiaí, enquanto a Imperatriz o esperava hospedada pela família do Major Manuel Rodrigues Jordão, em seu sobrado à frente da Igreja Matriz de São João Batista do Braz.

Uma relíquia desta visita, seria a imagem de São Paulo diante da qual Suas Magestades oraram ao chegar à cidade. É três delas guardam os museus de Arte Sacra de São Paulo e Arqui-diocesano de Campinas. Naquela, está a mais antiga, que pertenceu à igreja do Colégio à qual cabe a glória de significar o nome da Casa de São Paulo, dado ao Colégio dos Jesuitas, e a Igreja do pátio até 1711. Consta ela sob o n.º 651, do Guia do Museu de Arte Sacra, como "de barro paulista, do século XVII, da antiga Igreja do Colégio, de São Paulo", e tem de altura 0,45 mts. Outra, do mesmo Museu, sob o n.º 666, é "São Paulo de madeira, século XVIII, da antiga Sé de São Paulo, medindo uma altura de 1,45 mts.

A terceira, a mais nova, do Museu Arqui-diocesano de Campinas, do final do século dezoito ou início do dezenove, com 1,45 mts. de altura, constando do Guia do mesmo museu que a descreve como: "obra de arte sacra baiana, com o mais

belos característicos dos trabalhos desta região, que compõem o magnífico exemplar do século dezoito, demonstrando apuramento e bom gosto".

Destas, pois, uma haveria de ser a que recebeu, no arco da porta da cidade, os nossos Imperadores na primeira visita feita a São Paulo; e, dado o empenho dos organizadores da recepção, é de se admitir que dessemos eles apresentar a melhor, e, no caso e na época, a imagem mais nova.

Campinas, dezembro de 1974.

Bibliografia

Afonso d'Eschagnoli Faunay - "História da Cidade de São Paulo" - "O Velho São Paulo".

Antônio Egídio Martins - "São Paulo Antigo" -

Fernando Pedreira & Costa S. - "O Pátio do Colégio".

Francisco Martins dos Santos - "História de Santos".

Mamuel Eufrásio de Aguiar Marques - "Apostamentos da Província de São Paulo".

João de Paula Leite de Barros

Museu de Arte Sacra de São Paulo - Guia

Museu Arquidiocesano de Campinas - Guia

Paulo Florêncio da Silveira Camargo, Mons.^o -

"A Igreja na História de São Paulo"

"A Infiltração do Povoado de São Paulo"

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - "Tomo Especial".